

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA SALA DE AULA: UMA POSSIBILIDADE DE ENSINO INTER/TRANSDISCIPLINAR NA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

Valdivina Telia Rosa de Melian¹

Introdução

A literatura, segundo Cândido (1995), deixa mais humanizado quem dela faz uso e também alarga o conhecimento. Percebemos pelas leituras realizadas, que a pessoa que pratica leituras literárias, tem possibilidades de ter uma compreensão melhor de si e do outro, ou seja, exerce a alteridade, torna-se uma pessoa mais sensível e melhor. A literatura com seu caráter ficcional, polifônico e inter/ transdisciplinar forma parte do religamento entre os saberes, e a contação de histórias em sala de aulas, com sua transdisciplinaridade representa uma possibilidade para a formação do leitor literário.

A contação de histórias, a literatura e escola são companheiras há muito tempo. As narrativas incorporaram à escrita, e assim essa simbiose em forma de triângulo continua até nossos dias. Como demonstra Ariès (2012), as famílias procuraram morar próximas da escola para manterem seus filhos o mais próximo possível.

Para falarmos sobre esta temática, que é a contação de histórias em sala de aula como uma possibilidade transdisciplinar na formação do leitor literário, se faz necessário discorrermos sobre, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade.

Interdisciplinaridade

Interdisciplinaridade “consiste em utilizar os recursos de duas ou mais disciplinas para se construir uma representação adequada de uma situação” (JAPIASSU, 2006, p. 44). É possível inferir que se trata de um diálogo entre as disciplinas, no sentido de extinguir a dicotomia entre os saberes. Mas somente como caminho para busca de um conhecimento específico, não para ir além na construção de um outro saber.

Transdisciplinaridade

A transdisciplinaridade começa a partir do conceito de interdisciplinaridade, pois, “não existem fronteiras estanques, tudo dependerá da complexidade do problema que se quiser resolver e dos sujeitos que constituem o grupo de pesquisa e de ação” (SOMMERMAN, 2006, p. 66). Assim, temos que existe um movimento permanente entre a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade, no sentido de evitar as barreiras, o estreitamento das visões e os bloqueios entre os saberes. Transdisciplinaridade fica entendido como um saber que atravessa as disciplinas, sem criar totalidade do saber, mas tornando o saber menos particular.

Ensino de literatura e formação de leitor literário

O ensino de literatura é importante porque desabrocha em nós os melhores sentimentos, pois é inspiração. Na visão de Cramer, a “literatura é um milagre e um prazer” (CRAMER,

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL): Ensino de Língua e Literatura da Universidade Federal do Tocantins - campus de Araguaína. E-mail: teliarosa@hotmail.com.

2001, p. 123). É mais que palavra escrita, é som, imagem e melodia. A Literatura faz parte da vida, nos complementa. Segundo Cosson, a “literatura torna o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas” (COSSON, 2014, p. 17). Essa transformação citada pelo autor propicia ao leitor uma capacidade de compreensão dos sentidos de si e do outro. Assim, acreditamos que a formação do leitor literário, está intrinsecamente ligada à prática da leitura com sentido, e a contação de histórias propicia isso.

A contação de histórias na formação do leitor literário

A contação de histórias é uma arte milenar praticada pelas civilizações que antecederam a escrita, como forma de passar seus conhecimentos para a geração seguinte. A contação de histórias no século XVI era praticada para adultos e crianças. “Mesmo depois que a literatura passou a ser escrita, ainda prevaleceu a contação de histórias sendo praticada por alguns grupos, como por exemplo os *cotteries*, até o final do século XVIII” (ARIÈS, 2012, p. 73). O autor descreve a contação de histórias como sendo uma prática importante, e que por isso, era exercida para adultos também. A arte era praticada como entretenimento e informação.

Para subsidiar nossa proposta de trabalho com contação de histórias, começaremos apresentando a orientação oficial, dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Assim, “o trabalho com linguagem oral deve acontecer no interior de atividades significativas” (BRASIL, 1997, p. 40) Lendo o documento, é possível observar que a prática da contação de histórias faz parte do aprendizado do aluno. É uma orientação para as práticas pedagógicas preestabelecidas. Na contação, o aluno aprende a ouvir, a raciocinar, articular um diálogo que poderá começar com a contadora de histórias e com os outros alunos.

Segundo Coelho, “contar história é uma prática tão gratificante, que chega a produzir no narrador uma catarse dos conflitos mais íntimos” (COELHO, 1989, p. 52). Conforme a citação, o ato de contar história provoca emoções fortes no narrador, mas como em todo diálogo as emoções são sentidas simultaneamente, é uma troca entre o narrador e o interlocutor, no caso professor e aluno. Quando o aluno participa na escola de momentos de contação de histórias, ele percebe uma certa afetividade, um momento que lhe parece familiar, e, portanto, se descontrai e o aprendizado fica mais produtivo. Segundo Ferreira (2007), em sua belíssima Tese de Doutorado, a literatura em sala de aula é trabalhada como meio para o ensino pragmático e funcional, perdendo assim o seu sentido maior, por isso, a importância de aulas de literatura de forma mediada e transdisciplinar.

Bakhtin (2014) nos esclarece sobre a relação da palavra e do sentido ideológico e afetivo. Para ele, as palavras são veículos de transmissão de enunciados que podem transmitir conhecimento, verdades ou mentiras, mas a pessoa só reage àquelas que despertam as emoções e o sentimento ideológico. “A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida” (BAKHTIN, 2014, p. 98). Assim, a contação de histórias potencializa a construção do hábito da leitura. “Ouvir histórias e contá-las é o primeiro passo na formação de leitores, de pessoas para quem o “Era uma vez” institui uma nova atmosfera, um novo universo” (RITER, 2009, p. 67) Para o autor, a contação de história é um dos fatores determinantes para o aprendizado, para a formação do leitor literário.

Observando outra leitura sobre a importância da oralidade da literatura no ensino, buscamos a visão de Lajolo e Zilberman, que apresenta a modalidade como forma alternativa para a contextualização do cotidiano infantil e juvenil no âmbito da escola. “Essa oralização do discurso nos textos para crianças torna-se bastante coerente com o projeto de trazer para as

histórias infantis o heterogêneo universo de crianças marginalizadas, de pobres, de índios. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 151). A contação de história tem um cunho pedagógico, influencia na formação do caráter do sujeito ouvinte, no sentido da vivência com alteridade. A oralidade nas aulas de literatura é um instrumento de aprendizagem não só da leitura, mas também da contextualização, da regionalização, situando o aluno. É possível praticar a contação de histórias com vários gêneros literários.

As práticas pedagógicas com literatura, envolvendo narração, a oralidade, segundo Coelho (2000) capta a atenção do alunado, independentemente da idade. O imaginário tem influência na realidade, no sentido de superação que a criança procura nos seus heróis ou mesmo realiza vinganças inconscientes, resolvendo conflitos interiores, dando respostas que não seria possível encontrar no meio em que vive. Nesse sentido, as práticas de leituras devem ser diversificadas, pois a escola contém uma heterogeneidade, vários olhares, e cada aluno tem sua própria história e maneira especial de aprender.

Marina Colasanti ressalta que mesmo vivendo em uma época de transformações rápidas, é possível o diálogo com o mundo da fantasia, independentemente da idade.

Nessa época de transformações rápidas, muda a realidade externa, mas a nossa realidade interior, feita de medos e fantasias, se mantém inalterada. E é com esta que dialogam as fadas, interagindo simbolicamente, em qualquer idade e em todos os tempos. (COLASANTI, 2006, p. 62)

Conforme demonstrado pela autora, a ficção e a fantasia dialogam com o leitor ou ouvinte, interagindo, provocando uma reflexão. Esse dialogismo singular, que faz parte da literatura, tão importante para a organização de mundo das pessoas, representa um instrumento facilitador para o ensino e aprendizado da leitura literária.

A contação de histórias não pode ser vista e analisada sob uma ótica de pensamento simplista. É preciso ser analisada sob a visão do pensamento complexo de Morin, (2008) pois no ato da contação de histórias estão envolvidos sentimentos como emoção, medo, raiva, que são transmitidos pelo professor e sentidos pelos alunos, que vão sendo afetados cada um em suas particularidades. É nesse sentido que consideramos que a contação de histórias pode ser transdisciplinar no ensino de literatura e na formação do leitor literário. Porque como já vimos, a literatura tem essa capacidade de dialogar e transitar pelas disciplinas, promovendo uma transformação no ensino e aprendizado. E é interdisciplinar porque é capaz de dialogar com qualquer disciplina e mesmo assim, se o professor preferir, ficar cada uma em seu nível de realidade.

A contação de histórias é também uma recomendação de ordem médica, como veremos a seguir:

A American Academy of Pediatric (AAP) divulgou em 2014 uma recomendação para que os pediatras promovam a leitura durante as consultas regulares desde a primeira infância até pelo menos o ingresso das crianças na pré-escola, inclusive com a oferta de livros infantis nos consultórios. Assim como a AAP a SBP (Sociedade Brasileira de Pediatria) considera, entre as suas recomendações sobre promoção de saúde e prevenção de problemas, que o hábito de contar histórias para as crianças se constitui em uma das medidas mais importantes para seu desenvolvimento. (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2015, p. 24).

D'Ambrosio ressalta que a “transdisciplinaridade, é transcultural, e que as reflexões transdisciplinares navegam por ideias vindas de todas as regiões do planeta, de tradições

culturais diferentes. ” (D’AMBROSIO, 1997, p. 09). Nessa esteira, é que concebemos a contação de histórias como sendo esse elo transdisciplinar entre o ensino de literatura e a formação do leitor literário. Contar histórias transcenderá a forma fixa de ensinar a ler. De acordo com Daniel Munduruku, “oralidade e literatura criaram uma simbiose tamanha incapaz de haver separação ou anulação de uma pela outra. Quero dizer com isso que a literatura não apaga a oralidade ou vice-versa. As duas se completam” (MUNDURUKU, 2014, p. 177).

Conclusão

Entendemos que a educação está vivendo um momento de transição, no qual os educadores estão buscando estratégias para suas práticas docentes, no sentido de formar alunos bem preparados.

Assim, acreditamos que a literatura é o fenômeno que nos ajudará na formação de um leitor literário, que dialogará com todos os níveis dos textos, e que a contação de histórias é um forte aliada da literatura e da escola. Essa tríplice aliança é, ao nosso ver, um forte instrumento na construção do hábito de ler e na formação do cidadão crítico e ativo em seu meio social.

Por fim, acreditamos que o ensino de literatura de forma mediada, pode influenciar o caráter do aluno, deixando-o mais resiliente, com capacidade de autoconhecimento que, por sua vez, influenciará na tolerância para com o diferente e também com as diversidades linguísticas e culturais. Serão mais criativos, mais curiosos e mais imaginativos. As histórias promoverão o diálogo, desenvolvendo também o vocabulário e a capacidade de serem ouvintes, enfim mais humanizados e transdisciplinares.

Referências

ARIÈS, Philippe, 1914-1984. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: 1997.

CANDIDO, Antônio. O direito a literatura; O esquema de machado de Assis. In: **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**. São Paulo: Moderna, 2000.

COELHO, Betty. **Contar história uma arte sem idade**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.

COLASANTI, Marina. **Uma ideia toda azul**. 23. ed. São Paulo: Global, 2006.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

CRAMER, Eugene H. **Incentivando o amor pela literatura**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

D’AMBROSIO, Ubiratan. **Transdisciplinaridade**. São Paulo: Palas Athena, 1997.

FERREIRA, Hugo Monteiro. **A literatura na sala de aula**: uma alternativa de ensino transdisciplinar. 2007. 377f. Tese (Doutorado em educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007. Disponível em: <<ftp://ftp.ufrn.br/pub/biblioteca>>. Acesso em: 05 ago. 2016.

JAPIASSU, Hilton. **O sonho transdisciplinar**: e as razões da filosofia. Rio de Janeiro. Imago, 2006.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira**: história e histórias. São Paulo: Ática, 2007.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 5. ed. São Paulo: Instituto Piaget, 2008.

MUNDURUKU, Daniel. Literatura indígena e as novas tecnologias da memória. In: BELMIRO, Celia Abicalil et al. **Onde está a literatura?** Seus espaços, seus leitores, seus textos, suas leituras. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

RITER, Caio. **A formação do leitor literário em casa e na escola**. São Paulo: Biruta, 2009.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Receite um livro**: fortalecendo o desenvolvimento e o vínculo: a importância de recomendar a leitura para crianças de 0 a 6 anos. São Paulo: Sociedade Brasileira de Pediatria, 2015.

SOMMERMAN, Américo. **Inter ou transdisciplinaridade?** Da fragmentação disciplinar ao novo diálogo entre os saberes. São Paulo: Paulus, 2006.